

"O presente está cheio de passado e cheíssimo de futuro." (Leibnitz)

CLÁUDIO JOSÉ D'ALBERTO SENNA
Capitão-de-Corveta

SUMÁRIO

Introdução
Causas
O Defense Review
Conseqüências
Conclusão

INTRODUÇÃO

A pesar de ser uma Marinha vitoriosa, que inspirou a tradição naval da maior parte das Marinhas ocidentais, a Royal Navy viveu momentos difíceis após suas grandes vitórias. Nos períodos seguintes às principais guerras enfrentadas pelo Reino Unido, o país, apesar de ter saído vitorioso, viveu graves crises econômicas e a Royal Navy contribuiu com sua cota de sacrifício experimentando grandes desmobilizações. Foi assim no período seguinte às Guerras Napoleônicas. Nessa época,

parte de seus oficiais e praças procurou trabalho em outras Marinhas e, muitas vezes, em países que haviam conquistado sua independência recentemente. Após a Segunda Guerra Mundial, ocorreu redução de proporções semelhantes. Para termos uma idéia de grandeza das cerca de 990 unidades de combate (submarinos e navios escolta) disponíveis no auge da guerra, apenas 80 unidades estariam ativas no inverno de 1947 (1). Essa redução, causada pelo elevado custo do conflito e agravada pela falta de combustível e pessoal para guarnecer os navios, foi muito significativa.

Os anos seguintes também não foram fáceis para a Royal Navy. Muitas dificuldades econômicas e o esforço de reconstrução pós-guerra causaram a redução de sua influência política mundial. Porém, graças à sua capacidade de adaptação e às necessidades decorrentes da Guerra Fria, a Royal Navy conseguiu superar com relativo sucesso as décadas de 50 e 60.

Os anos 70 foram, particularmente, importantes, marcados pelo avanço tecnológico e refinamento dos meios. A Royal Navy incorporou a tecnologia digital construindo novos navios, mantendo-se atualizada e moderna, apesar das constantes dificuldades orçamentárias (1).

Em 1979, Margareth Thatcher chegou ao poder com o Reino Unido (8) vivendo problemas na área econômica. Promovendo uma série de reformas estruturais no país e cortes orçamentários, o governo Thatcher tentava superar as dificuldades e sair da crise. Ao publicar o Defense Review (relatório que estabelece as diretrizes da política de defesa do Reino Unido) de 1981, formalizando e reordenando prioridades (1) (2), uma profunda mudança começava a ser promovida dentro das Forças Armadas e, em especial, na Marinha. No seu conjunto, essas mudanças significaram uma grande redução no Poder Naval, com diminuição de meios e efetivos.

O Defense Review de 81 foi um dos momentos mais delicados vividos pela Royal Navy em toda a sua existência (5). Os cortes promovidos pelo governo tiveram um efeito negativo sobre o entusiasmo de oficiais, praças e funcionários civis da Marinha.

Este texto pretende apresentar algumas causas e conseqüências das opções feitas pelo governo Thatcher no Defense Review de 81 e seus principais reflexos na Royal Navy.

CAUSAS

O cenário do início dos anos 80 era composto por fatores complexos, como dificuldades econômicas, reflexos das crises do petróleo e o perigo de um conflito nuclear com o bloco comunista. Estes fatores levaram o governo a tomar as decisões políticas que moldaram o Defense Review de 81. Na verdade, o governo estava tomando uma série de medidas, quase sempre impopulares, com relação a todos os setores da sociedade. A reestruturação do sistema de defesa britânico tornou-se uma prioridade por este absorver uma parcela significativa dos recursos do orçamento do governo.

O primeiro fator a ser considerado e, talvez, o mais importante, foi a mudança do equilíbrio entre gastos com a defesa e a demanda por investimentos de caráter social. Desde o início do governo, em 1979, Thatcher reduziu os gastos no setor social do governo, chegando próximo do limite. Havia, assim, a indicação que cortes semelhantes, ou proporcionalmente maiores, deveriam, também, ser feitos nos demais setores (1), entre eles o orçamento da defesa. Sem dúvida alguma, é preciso muita boa vontade para que alguém sofrendo em uma fila do setor de assistência do governo sintasse resignado ao perceber investimentos em meios militares.

O segundo fator, muito significativo em termos de orçamento, foi a elevação dos preços dos materiais e equipamentos bélicos causada pela sofisticação dos meios. O espetacular desenvolvimento tecnológico vivido nos anos 70 foi rapidamente assimilado pela indústria militar. Os avanços decorrentes da revolução digital estavam tornando os navios cada vez mais caros e sofisticados (1). Suas construções dispendiosas e a crescente demanda por manutenção que os novos sistemas solici-

tavam tornaram quaisquer opções de defesa muito caras. O preço de cada unidade elevou-se muito além da capacidade orçamentária, bem como a demanda pelos serviços de manutenção, acarretando uma estrutura de suporte maior nos estaleiros e bases de apoio. Armas inteligentes, como mísseis, demandavam sistemas de defesa capazes de garantir a sobrevivência dos navios. Foi necessário incorporar sofisticados equipamentos de MAGE, CME*, sistemas de defesa de ponto e sistemas de combate digitais que pudessem reduzir o tempo de reação dos navios contra mísseis inimigos.

O terceiro fator foi a prematura crença na inutilidade de meios convencionais (navios de superfície) em um mundo dominado por armas nucleares. O crescimento do

poder nuclear soviético e americano era visto com especial preocupação pelos europeus (2). Era necessário manter elevada capacidade de deterência,** a fim de evitar que as divergências entre os dois países mais poderosos não desencadeasse uma guerra nuclear em solo europeu. Foram feitos pesados investimentos em armas nucleares e mísseis balísticos. Nesse cenário, a utilidade dos navios convencionais seria quase insignificante; sua contribuição para evitar um conflito nuclear era muito pequena.

Para fazer frente à ameaça nuclear, a Royal Navy estava investindo na substituição de seus submarinos de mísseis balísticos da classe *Resolution* pelos da classe *Trident*. Abaixo é apresentado um quadro comparativo dos submarinos.

	<i>Resolution</i>	<i>Trident</i>
Capacidade de mísseis	16	16
Alcance do míssil	2.500 mimas	6.500 mimas
Tipo de míssil	Polaris A3	Trident 2 (D5)
MIRV - Multiple Independent Re-entry Vehicle	3	8

Sem dúvidas, os novos submarinos *Trident* colocariam o Reino Unido na vanguarda tecnológica em termos de armamento nuclear, ampliando significativamente sua capacidade de deterência.

O projeto *Trident* foi um grande desafio para a Royal Navy. Contando com a parceria dos Estados Unidos, que disponibili-

zaram o sistema *Trident*, era necessário um pesado esforço no desenvolvimento e construção da plataforma.

Margareth Thatcher e seu Ministro da Defesa, John Nott, defenderam com firmeza e convicção o projeto *Trident* (5), suportando as duras críticas daqueles que julgavam o empreendimento demasiado

* N.R.: MAGE – Medidas Antiguerra Eletrônica; CME – Contramedidas eletrônicas.

** N.A.: Deterência é a capacidade de desencorajar uma ação militar pelos prejuízos que poderão ser recebidos em resposta pela agressão inicial.

caro. Seu valor total, estimado inicialmente, para a construção de quatro submarinos foi na ordem de 12 bilhões de libras (4). Para se ter uma idéia do impacto econômico deste projeto, o orçamento total da Royal Navy era, nessa época, de 2 bilhões de libras/ano.

Por outro lado, havia a oposição do Labour Party (Partido Trabalhista) ao governo. O líder da oposição, Michael Foot, pacifista antinuclear, queria que o projeto fosse totalmente cancelado. A oposição não foi convincente e o projeto acabou sendo aprovado.

Com o projeto finalmente aprovado, teve início uma outra discussão. Qual seria o real valor das unidades navais convencionais em um mundo onde a defesa seria exercida através do poder nuclear? Qual a razão para manter navios cada vez mais caros se estes não teriam nenhuma utilidade em um conflito nuclear?

Estes questionamentos levaram ao enfraquecimento da credibilidade dos navios e demais meios convencionais da Marinha. Se de um lado John Nott defendeu fervorosamente o projeto *Trident*, por outro não se importou com os outros setores da Royal Navy (5) e mostrou-se favorável a uma redução quantitativa dos meios navais. Parecia aos políticos locais que o fato de possuir um armamento tão poderoso como os submarinos *Trident* poderia ser suficiente para garantir a segurança dos interesses britânicos, dispensando qualquer outro investimento e gasto com armamentos.

O Defense Review, publicado em maio de 1981, sintetizava todas estas idéias e transformou-se em um dos maiores desafi-

os para a própria sobrevivência da Royal Navy.

O DEFENSE REVIEW

No dia 19 de maio de 1981, no parlamento de Londres, teve início o debate em torno dos cortes na Defesa. Keith Speed, que ocupava o cargo de *Junior Minister of the Navy* (funcionário público de carreira no mais alto cargo da Marinha), saiu em defesa da Royal Navy. Em seu discurso, afirmou que os cortes iriam "prejudicar seriamente a efetividade da força" e

que o *Review* iria "danificar e reduzir" os navios de superfície. A oposição ao governo propôs uma emenda ao *Review* onde os cortes seriam mantidos e o projeto *Trident* totalmente abandonado. Ao final dos debates, a emenda da oposição foi derrotada por 313 a 232 votos (5). Logo em seguida, Keith Speed

Dentre as tarefas apresentadas pelo ministro da Defesa como prioritárias, a garantia do fluxo marítimo para a Inglaterra e países aliados foi rebaixada para o quinto lugar

foi dispensado de sua função e o Defense Review levado a efeito como planejado pelo governo.

Em termos concretos, o Defense Review iria causar os seguintes efeitos na Marinha:

- vender o Navio-Aeródromo *Hermes*, recentemente modernizado para operar com *Sea Harriers*, para a Índia (5);
- vender o Navio-Aeródromo *Invincible* para a Austrália (3);
- retirar do serviço oito destróieres e fragatas (1);
- reduzir o efetivo em cerca de 15% (5);
- fechar a base de Chatham, responsável pelo reparo dos submarinos nucleares de ataque (3);

- cancelar qualquer encomenda de construção de fragatas tipo 42 (1);
- cancelar o programa de modernização das fragatas classe *Leander* (1);
- reduzir as atividades do complexo industrial em Portsmouth (5); e
- desenvolver um novo projeto de fragatas, batizadas de tipo 23, para substituir as do tipo 22 com menos gastos (1).

O enfraquecimento da Força Naval era evidente. Dentre as tarefas apresentadas pelo ministro da Defesa como prioritárias, a garantia do fluxo marítimo para a Inglaterra e países aliados foi rebaixada para o quinto lugar, demonstrando que os cortes implementados estavam coerentes com as tarefas atribuídas. Os cortes foram recebidos com pessimismo pelo pessoal da Royal Navy. As possibilidades de reversão deste cenário eram remotas, uma vez que desmobilizar navios e bases é bem mais fácil e rápido do que recuperá-los posteriormente, quando necessário (1).

CONSEQUÊNCIAS

Envolvido com o jogo nuclear, o Reino Unido não contava que seu Poder Militar fosse necessário, em curto prazo, para atender qualquer outro desafio.

Naturalmente, a Royal Navy já havia estudado diversas vezes a possibilidade de conflito com a Argentina, embora esta fosse considerada remota. Um desses estudos, curiosamente, foi conduzido pelo Almirante Woodward, que mais tarde seria o Comandante do Grupo-Tarefa (CGT) inglês no conflito com a Argentina. Em seu estudo (5), o Almirante Sandy Woodward

concluiu que as Falklands eram indefensáveis se o ataque argentino fosse feito de surpresa. Quanto a uma ação de reintegração ao Reino, esta possibilidade era uma variável com elevado grau de incerteza.

Não podemos afirmar que a Guerra das Malvinas foi uma consequência direta do Defense Review, mas a desmobilização de meios e a anunciada venda dos navios-aeródromos era um fator de fraqueza ponderável. É tido como certo que a indisponibilidade dos dois navios-aeródromos tornaria a campanha de reintegração insustentável para ser concluída em 1982.

Ao ler o relato do Almirante Woodward

em seu excelente livro sobre o conflito das Malvinas, pode-se perceber, claramente, que o Reino Unido enfrentou várias dificuldades para reintegrar as ilhas. Caso o Navio-Aeródromo *Hermes* já estivesse indisponível, a recon-

quista das ilhas teria sido impossível naquele ano.

CONCLUSÃO

Os acontecimentos envolvendo o Defense Review de 1981 podem ser interpretados de diversas formas e, dependendo da abordagem, podem levar a conclusões diferentes. De todos os erros cometidos pelo governo Thatcher, o mais grave foi permitir que as metas econômicas fossem os principais parâmetros para a elaboração de sua política de defesa. É natural que o gasto com a defesa não pode comprometer o equilíbrio econômico, mas a medida correta só é alcançada dimensionando o Poder Militar tendo como principal parâmetro os interesses nacionais que

Caso o Navio-Aeródromo *Hermes* já estivesse indisponível, a reconquista das Ilhas Falklands teria sido impossível naquele ano

estão em jogo e devem ser defendidos. No caso em questão, é evidente que os interesses superavam as capacidades militares do Reino Unido.

As conseqüências dos cortes foram especialmente desagradáveis. No prefácio da edição de 83/84, o *Jane's Fighting Ships* culpou a própria Royal Navy pelos cortes (3). No duro editorial, a Royal Navy foi acusada de, nos cerca de 20 anos de existência do Ministério da Defesa britânico, submeter esse órgão a uma dieta de informações superficiais e trabalhos prolixos e pouco objetivos. O resultado foi que tanto políticos como funcionários civis do ministério encontravam-se confusos e sem os conhecimentos necessários.

As fraquezas, decorrentes do Review, não foram suficientes para garantir a derrota da Royal Navy, mas prejudicaram sensivelmente a busca por uma solução diplomática do conflito. Por outro lado, a Royal Navy demonstrou uma grande capacidade de adaptação e superou inúmeros obstáculos para recuperar as ilhas.

O Defense Review de 1981 faz parte da história da Royal Navy e as lições aprendidas foram, de certa forma, aproveitadas. Diversos analistas estudaram esses acontecimentos e forneceram novas idéias sobre a difícil tarefa de planejar e dimensionar o Poder Militar.

Atualmente, a Royal Navy encontra-se bem equipada com uma força que comporta unidades diversificadas para emprego em conflitos dos mais variados. Sem inimigos visíveis definidos, a possibilidade de uma agressão externa é muito remota. Os principais objetivos da Royal Navy dizem respeito às ações rápidas para defender os seus interesses e a estabilidade européia.

O fato de que a ajuda norte-americana foi vital para a solução do problema na Iugoslávia demonstrou a necessidade de maior independência militar européia.

Foi noticiado, recentemente, um novo programa para construir dois novos navios-aeródromos para substituir os da classe *Invincible*. Aeronaves, provavelmente o *JSF (Joint Strike Fighter)* ou o *Euro*

Fighter, com capacidades superiores em velocidade e alcance também estão previstas para substituir os *Sea Harriers*.

Discursando na Conferência de Defesa Européia, em março de 2000, Mr. Geoffrey Hoon, Ministro da Defesa britânico, reafirmou a necessidade de fortalecer a capacidade militar européia (9). "Kosovo nos ensinou algumas lições dolorosas. As estatísticas sobre a contribuição européia para um problema na nossa própria retaguarda são bastante conhecidas. Nós fomos forçados a depender pesadamente do Poder Militar norte-americano para alcançarmos credibilidade na campanha diplomática."

De todos os erros cometidos pelo governo Thatcher, o mais grave foi permitir que as metas econômicas fossem os principais parâmetros para a elaboração de sua política de defesa

REFERÊNCIAS

1. WOODS, John E. "The Royal Navy Since World War II" - *Proceedings*, March 82
2. CABLE, Sir James. "Britain's Choice of Threats" - *Proceedings*, August 82
3. JANE'S *Fighting Ships* (Foreword) - 1983-84
4. JANE'S *Fighting Ships* (Foreword) - 1984-84
5. WOODWARD, Admiral Sandy. *One Hundred Days* - 1992
6. JANE'S *Fighting Ships* - 1996-97
7. JANE'S *Strategic Weapons Systems* - 1994
8. KOOGAN *Howaiss* - Enciclopédia - 2000
9. Internet: <http://www.mod.uk/news/speeches>

CLASSIFICAÇÃO PARA ÍNDICE REMISSIVO:

<POLÍTICA> / Política de defesa /; Orçamento; Crise na Royal Navy;

É possível resistir à
invasão de Exércitos, à invasão
das idéias não será possível.

Victor Hugo

HISTÓRIA DA NAVEGAÇÃO

Pertencente ao Espaço Cultural da Marinha, há um setor dedicado à evolução do domínio humano sobre as águas, desde os mais usados meios primitivos até os gigantescos petroleiros modernos.

Há também uma exposição sobre a técnica da ciência náutica, mostrando o progressivo aperfeiçoamento dos métodos utilizados para obter-se a posição das embarcações no mar, dando ênfase especial à ação dos navegadores portugueses. Estimulados e dirigidos pelo Infante Dom Henrique, criaram novos tipos de embarcações, tábuas e instrumentos para o cálculo da latitude no mar e cartas náuticas posicionando, o mais corretamente possível, os acidentes descobertos e o desenho das costas avistadas.

Todo esse conhecimento pode ser obtido visitando o Espaço Cultural da Marinha, aberto de terça-feira a domingo das 12h às 16h45min, localizado à Av. Alfred Agache s/n, Praça XV.

